

# A MEDITAÇÃO DE EPICTETO SOBRE A VERDADEIRA PROPRIEDADE E O TEMPO OPORTUNO DO COLHIMENTO DE JABUTICAS E FIGOS

## EPCTETUS' MEDITATION ABOUT THE REAL PROPERTY AND THE OPPORTUNE TIME TO REAP JABUTICABAS AND FIGS

Antonio Carlos Tarquinio\*

**Resumo:** O título do livro alfa das *Diatribai* de Flavio Arriano sintetiza numa frase, que é quase um aforismo, toda a ensinança de firmeza e serenidade presente na *Philosophia* de Epicteto. A faculdade humana concernente ao *logos* capacita o homem deliberar sobre as impressões [*phantasiai*] para *se servir delas* [*khresthai*] como queira. Isso significa uma margem de manobra que o homem possui diante das circunstâncias da vida que lhe permite qualificar os eventos separando o que está em sua esfera de ação daquilo que não lhe pertence propriamente, não sendo de sua alçada, nem de seu arbítrio. A distinção traz à luz uma zona de indeterminação, no meio de um mundo regido por uma ordem inexorável e necessária, situada na íntima realidade humana. É pelo *logos* que o homem está inserido num mundo determinista como uma esfera completamente isenta de qualquer determinação superveniente de fora. Há, no interior do homem, no santuário de sua alma, algo assim como uma cidadela que desde que seja vigiada e cuidada, nada, absolutamente pode derrotá-la. Aí assentam a serenidade e a fortaleza ensinadas por Epicteto.

**Palavras-chave:** Proairesis. Logos. Phantasiais. Pephyka.

**Abstract:** The title of Flavio Arriano's alpha book of, *Diatribai*, synthetizes in one sentence, which is almost an aphorism, the whole strength and serenity of the teaching present in Epictetus' *Philosophia*. The human faculty concerning the *logos* enables man to deliberate over the impressions to use them as he wants. It means a possibility of maneuver that man possesses due to life's circumstances that allows him to evaluate events, separating what is in its action sphere from what does not belong to it and, therefore, not being in its jurisdiction, thus not even in its judgment. The distinction sheds light on the determination zone, in the middle of a world ruled by inexorable and necessary order, situated in the inner human reality. Through the *logos* man is inserted in a determinist world like a sphere completely free from any outside determination. There is, inside man, in the sanctuary of his soul, something like a fortress that if guarded and nurtured nothing, absolutely nothing can triumph over. There are rooted the serenity and the fortress thought by Epictetus.

---

\* Autor Antonio Carlos de Oliveira Rodrigues (pseudônimo: Antonio Carlos Tarquínio) mestre em Filosofia pela PUC de São Paulo. [tarqua@ig.com.br](mailto:tarqua@ig.com.br).

**Keyword:** Proairesis. Llogos. Phantasiais. Pephyka.

Da totalidade das coisas que são, umas são sobre nós, outras não. Sobre nós estão o julgamento de valor [*hypolepsis*], o impulso para a ação [*horme*], o desejo [*orexis*] ou a aversão (*enklesis*), em uma palavra quantas (sejam) nossas obras. Não dependem de nós o corpo, a aquisição, as honras, os comandos [os altos cargos], em uma palavra quantas não [sejam] nossas obras <sup>1</sup>.

Começemos por refletir sobre a locução *eph'hemin* que na enunciação do pensamento de Epicteto manifesta um sentido técnico incomum. Não é por acaso ou à ventura que Arriano inicia tanto o *Manual* quanto as *Diatribes* utilizando as palavras mencionadas, inseridas num enunciado transformado em aforismo de alcance ontológico, a saber: “*ton onton ta men estin eph'hemin, ta de ouk eph'hemin*” <sup>2</sup>.

A locução *eph'hemin* combina a preposição *epí* [sobre] com o pronome pessoal locativo *hemin* [nós]. *Peri* mais locativo significa, *em cima, sobre*, indicando contato pleno, estático.<sup>3</sup> O ditado epictetiano é comumente traduzido do grego pela frase: as coisas que *dependem de nós*, onde *dependere* traduz *epí* [sobre]. A sentença: as coisas *sobre nós* de Epicteto transforma-se em as coisas que *dependem de nós*. A nosso ver, no entanto, o verbo *dependere*, não expressa semanticamente o pensamento formulado por Epicteto.

O verbo latino *dependeo* de onde deriva o verbo *dependere*, significa: *estar suspenso de, estar dependurado, pender a partir de*. A vista disso, a expressão: *as coisas que dependem de nós* indica que *estão suspensas*, como se estivessem presas na pessoa, como que *dependuradas* no homem. O prefixo *de* de *de-pendeo* pode indicar *separação, disjunção, afastamento*<sup>4</sup>, isto é, *o que está pendurado a partir de, se afastando, se disjungindo, se separando*. Ora, essa não parece ser a intenção do filósofo quando se refere, *às coisas sobre nós*.

É possível esteja indicando figuradamente o que está ou foi colocado sobre os ombros humanos para ser conduzido, carregado, dirigido e governado pelo próprio homem. O que está sobre seus ombros é aquilo pelo que é responsável, é o que está em

---

<sup>1</sup> EPICTETO, *Manual*, I, 1. Grifo nosso. Todas as citações utilizadas neste artigo, sejam as do *Enkheiridion* (manual) sejam as das *Diatribai* (Entretiens) de Epicteto, foram traduzidas diretamente do texto grego pelo autor. As obras fontais de Epicteto tanto quanto a obra fundamental do imperador Antonino Marco Aurélio possuem numeração específica que utilizaremos em nossas citações.

<sup>2</sup> Trata-se do título do capítulo primeiro das Entretiens: (Da totalidade das coisas existentes umas são de nossa competência, outras não. Tradução nossa)

<sup>3</sup> Henrique MURACHCO, *Língua Grega, visão semântica, Lógica, orgânica e funcional*, vol. 1, pg.572.

<sup>4</sup> R.c.ROMANELLI, *Os prefixos Latinos*, p.49.

cima sobre ele para que tome conta, cuide - É o que a Divindade lhe deu como incumbência - É o que a Divindade pôs-lhe sobre para ser assumido como trabalho, como tarefa.

Assim parece sugerir o livro primeiro, o *livro alfa* das *Diatribes*<sup>5</sup> cujo título é justamente: *Peri ton eph'hemin kai ouk eph'hemin*<sup>6</sup> livro fortemente marcado pela preocupação da busca da qualidade própria (*idios poion*), por uma *idiosis*<sup>7</sup> obstinada em estabelecer distinção entre os entes, entre as várias possibilidades (*dynameis*), a fim de lhes descobrir o caráter próprio.

Epicteto inicia o *livro alfa* das *Diatribes* buscando descobrir (*heureseste*)<sup>8</sup> qual a *dynamis* (possibilidade, capacidade) básica e dominante sobre a qual se sustenta a *autarkhia*<sup>9</sup> do homem diante de qualquer circunstância forânea. Censura e aceitação só são possíveis para alguém que além de espelhar o circundante - Que em termos epictetianos significa ser capaz de *phantasia* - Tenha competência também para servir-se dela, de utilizá-la livremente. Entre a *phantasia* e sua utilização há a *proairesis* (deliberação) e só quem delibera pode meditar, ponderar, apreciar, e enfim, fazer aquilo que para Epicteto é o mais importante, atribuir valor.

“Do meio de várias possibilidades nenhuma encontrareis ela mesma especulativa dessa, não, na verdade, nem mesmo [ela mesma, dessa] capaz de aprovar ou reprovar a si mesma”<sup>10</sup> a pergunta sobre a propriedade de espelhamento, sobre a possibilidade especulativa, é a interrogação sobre se há, se existe algum talento ou aptidão com competência suficiente de aprovação ou desaprovação a partir de *si* própria. Sem o *si* não há reflexão, sem reflexão não existe as condições de possibilidade de avaliar, de apreciar o que quer que seja.

Se for preciso escrever para o amigo a gramática tem competência para dizer quais letras utilizar, contudo, quanto a se é a hora de escrever ou se se deve escrever ou não escrever para o amigo, isso resulta totalmente fora do alcance da gramática. [...] também a respeito das melodias, do mesmo modo, a música [...], contudo [...] se tenho de cantar e tocar cítara agora ou nem cantar nem tocar cítara, a música não dirá<sup>11</sup>.

---

<sup>5</sup> ÉPICTÈTE, *Entretiens*, p. I 1.

<sup>6</sup> (A respeito das coisas sobre nós e das não sobre nós. Tradução nossa)

<sup>7</sup> Distinção entre as coisas segundo suas características próprias.

<sup>8</sup> Do verbo *heurisko*, eu descobro.

<sup>9</sup> Poder absoluto.

<sup>10</sup> ÉPICTETO, *Entretiens*, I 1, 1-2.

<sup>11</sup> ÉPICTETO, *Entretiens*, I 1,3.

O primeiro traço distintivo que sobressai da reflexão de Epicteto, nessa *diatribe* basilar, é que a possibilidade<sup>12</sup> mais apta a conduzir outras possibilidades só pode ser aquela capaz de *avaliar* as demais, e para tal, é imprescindível que consiga ter talento tanto para consentir como para vetar a si mesma. “Quem afinal dirá? A que especula essa e quanto ao resto todas as coisas. Essa quem é [*aute d’ esti tis*;]? A possibilidade [aptidão] concernente ao *logos*”<sup>13</sup>.

A afirmativa de Epicteto sobre a *possibilidade concernente ao logos* não pode, nem deve ser negligenciada. Aqui o que aparece como *propriedade da he dynamis he logike*<sup>14</sup> é alguma coisa que ao longo da meditação epictetiana sobre o *caráter próprio*, vai se precisando e se especificando cada vez mais como um núcleo de determinação valorativa no seio do humano – a possibilidade relativa ao *logos* é apreciativa por ser especulativo-reflexiva. “Pois somente essa *reflete tomando de lado*, quem é, e o que pode e a quão grande veio e chegou sua valia e todas as outras.”<sup>15</sup>

O talento respeitante ao *logos* é capacidade especulativa que permite refletir *tomando lado a lado* o próprio valor. A possibilidade de tomar a si mesmo no instante em que reflete e pensa, cria uma distância, um distanciamento que permite certo grau de manobra, que admite um espaço de manejo: “Que outro afinal é o que diz que o ouro-dinheiro é coisa bela, coisa boa? Pois ele mesmo não diz. É claro e manifesto que o recurso de se servir das impressões<sup>16</sup> [*he khestike dynamis tais phantasiais*]”<sup>17</sup>.

A possibilidade do emprego das *impressões* é antes que tudo apreciativa: não é o ouro-dinheiro que diz ser coisa boa, e sim ele, o talento relativo ao *logos*. Eis aí a configuração do fundamento inconcusso do valor. A meditação de Epicteto sobre a verdadeira propriedade parece ter como intuito mostrar de onde parte o valor das coisas, situando-a na interioridade humana: é de nós e não do mundo em nossa volta que surge. O homem é fonte de apreciação do entorno.

---

<sup>12</sup> O termo *possibilidade* é minha opção de tradução da palavra grega *dynamis*, uso-a como sinônimo de *capacidade*, *aptidão*. Penso que o termo *faculdade* está muito desgastado e que de há muito perdeu o sentido que podemos resgatar através destoutra palavra. Conforme Henrique MURACHCO, *Língua Grega, visão semântica, Lógica, orgânica e funcional*, vol. 2, pg.498. No dicionário grego-francês Baílly, no verbete *dynamis/eos* há uma referência a uma frase de Epicteto, ench. 31,5 *yper dynamin* que se traduz por *au dela du possible*.

<sup>13</sup> IDEM, *Entretiens*, I 1, 4. Grifo nosso.

<sup>14</sup> (A possibilidade concernente ao logos. Tradução nossa)

<sup>15</sup> IDEM, *Entretiens*, I 1, 4. Grifo nosso.

<sup>16</sup> Ou representações.

<sup>17</sup> EPICTETO, *Entretiens*, I 1,5. (A capacidade de se servir das impressões ou representações). Tradução nossa)

Na hierarquia das capacidades ou possibilidades, a que usa as demais é a mais importante, porque é a que *decide* sobre as outras.

Que outro discerne [separa umas das outras] a capacidade gramática, a capacidade música, as outras capacidades, aprovando, verificando e mostrando [indicando ao lado, paralelamente, pondo diante do olhar] os usos e os tempos oportunos delas? Nenhuma outra<sup>18</sup>.

Quando Epicteto se refere *àquilo que está sobre nós*, ele está simplesmente apontando para uma possibilidade entre outras possibilidades. Isto quer dizer: tal possibilidade é daquele ser que tem condições de usar as *impressões*. No fundo é disso que trata a *diatribe* primeira do livro *Alfa*. O ser dotado desta qualidade específica, conferida pelo *logos* é capaz de fazer certa coisa que paira em sua área de ação, que pode se tornar sua incumbência desde que decida que assim seja. Esse é o ser sobre o qual pesa a *decisão* [ou deliberação] como propriedade exclusivamente sua: essa, a sua maior possibilidade.

Porque a aptidão para deliberar [*proairesis*] é distância apreciativa para usar as *phantasiais* como se queira. Entre a *phantasia* e a possibilidade de uso, remanesce a *opção*. Entre o pensamento e o *recebimento lado a lado* do valor, de permeio fica estabelecida, a base desse compreender-se compreendendo, dessa auto-apreciação - o valor relativo que as coisas possuem e - o lugar que os *aprecia*. Para Epicteto o *logos* é fundamentalmente ético. “Como, diz-nos ele, afinal era digno, as divindades fizeram sobre nós a melhor de todas e dominante, a capacidade do uso reto das *phantasiais*, as demais, não estão sobre nós”<sup>19</sup>.

A capacidade de *deliberação* [*proairesis*] é que define basicamente a condição humana que consiste na aptidão para escolher; para escolher a escolha como modo de viver. Escolha que é o único ato do homem reconhecido por Epicteto como especificamente humano. O animal também é capaz de representar a realidade em torno de si, isto é, também é capaz de *phantasia*. Contudo não possui aquela *margin de manobra* que lhe permitiria agir como se não fosse determinado pelos sucessos que lhe vêm de encontro no mundo.

Para o ser poder *deliberar* e *escolher* é necessário que haja algo nele totalmente insubmisso, insubjugável e inteiramente livre de quaisquer influências externas. Não

---

<sup>18</sup>EPICETETO, *Entretiens*, I 1, 6.

<sup>19</sup> EPITECTO, *Entretiens*, I 1, 7.

obstante, se ignora o seu talento para escolher e distinguir o próprio do impróprio, queda aprisionado às *fantasiais* que recebe tal qual um animal. Enquanto a vida humana vivida assim é uma tragédia, a do animal segue sendo o que é, uma vez que há diferenças significativas entre o *logos* humano e o *logos* que habita o animal.

O ponto crucial para Epicteto é que o homem aprenda a cuidar do que tem de ser cuidado. Se desperta para o que tem de se ater, começa a liberdade. Epicteto também aconselha muito cuidado para aquele que se embrenha por esse caminho: deve, antes de tudo, pensar constantemente que é um doente em tratamento para não cair em invigilância e se tornar escravo novamente. Então de que o homem deve cuidar? daquelas coisas que são livres de impedimentos, só elas as divindades fizeram isentas e desimpedidas:

E os que são sobre a terra ligados juntos, unidos estreitamente com o corpo e, com tal tipo associados, como era possível essas coisas sob o efeito das de fora não ser impedido? Mas Zeus o que diz? Epicteto, se eu podia, também fazia teu pequeno corpo e tua pequena aquisição livre e desimpedida [...] isso não é teu, mas lama, argila elegantemente misturada.<sup>20</sup>

A esse tema Epicteto volverá muitas vezes. A ponto de alguns comentadores acreditarem que o filósofo teria levado seu Estoicismo ao quase rompimento com a ortodoxia da *Stoa*. O modo como retrata o corpo passa a impressão que nesse particular teria assumido a tese dualista de Platão. É assim que pensa, por exemplo, *Armand Jagu*<sup>21</sup>. Não obstante, podemos considerar que o tipo de representação do corpo feita por Epicteto seja apenas para, por meio de contraste, marcar o lugar onde o homem deve concentrar seus esforços para conquistar o direito de viver plenamente, fazendo aquilo que queira fazer, afinal a *psyche* do homem é a sua *proairesis*<sup>22</sup>.

O homem epictetiano é um ser agraciado pelos deuses pelos mesmos dons que esses possuem, nesse sentido, o homem é divino porque possui capacidade *proairética*. Como bem disse Cícero traduzindo magistralmente o pensamento estóico: “para a nossa vontade não há causas externas e antecedentes”<sup>23</sup>, ou seja, o homem é *autarkes*<sup>24</sup>, nada

---

<sup>20</sup> EPICTETO, *Entretiens*, I 1, 9-10.

<sup>21</sup> Armand, JAGU, *Épictète et Platon*, p.87-111.

<sup>22</sup> HADOT, Pierre, *Manuel d'Épictète*, p. 43.

<sup>23</sup> CÍCERO, *Sobre o destino*, XI, 23.

<sup>24</sup> O que se basta a si mesmo.

pode determiná-lo de fora para dentro, somente a *proairesis* pode determinar a *proairesis*.

Para justificar a essencial *eleutheria*<sup>25</sup> humana condição essa compartilhada com os deuses Epicteto apresenta estas palavras como ditas pelo próprio Zeus:

Uma vez isso não podíamos, algo demos parte nossa, a possibilidade de impulso na direção de, também a aptidão para se afastar rejeitando, também a habilidade de desejar junto com a de se abster de desejar e simplesmente a habilidade de empregar as impressões, da qual cuidando e na qual colocando tuas coisas, jamais serás obstado, nem impedido, nem gererás, nem censurarás, nem adularás a ninguém<sup>26</sup>.

Situando o que pode ser obstado, Epicteto circunscreve um espaço livre de qualquer tipo de injunção. O velho manco de Nicópolis não tem nada contra as coisas corpóreas, tampouco se rendeu a algum tipo de dualismo, só quer descrever uma linha em torno da zona insubjugável existente no imo da alma [*psyche/proairesis*] de todo homem. E junto com o zoneamento do *eu* delinea as fronteiras da *Divindade*, do *Kosmos*, do outro. Se no plano corpóreo há restrições, na intimidade do ser existe uma *cidadela indestrutível* que nem Zeus pode submeter aos seus caprichos.

A ponderação de Epicteto sobre o caráter próprio do ser humano<sup>27</sup> levou-nos a descobrir a virtude particular, a qualidade especial do ente que tem a habilidade para usar as *phantasiais* dado que é dotado de um *logos* que lhe permite fazer isso. Meditando no humano, o *caráter próprio* do homem, sua verdadeira propriedade não aparece como a coisa cuja posse pertence por direito a alguém, ou, o direito originário de apropriação considerado objetivamente. O caráter próprio emerge, sobretudo, como sendo o que distingue enquanto *qualidade inerente*, aquilo que é próprio de alguém porque o diferencia particularmente de outro gênero de coisas existentes.

Quando Epicteto estabelece a distinção, entre *o próprio e o impróprio*, refletindo na verdadeira propriedade, a noção de liberdade eclode com toda força, e se mostra como sendo o ensinamento que o pensador estóico estima como o mais importante em seu apostolado filosófico pelos caminhos do mundo. Situar o cuidado na esfera da

---

<sup>25</sup> A liberdade quando alumiada pela compreensão filosófica. Somente a conversão filosófica é capaz de libertá-lo da escravidão do espírito. Sem a luz da *Philosophia* o homem queda escravizado, porque ignora a capacidade que possui de optar por ser dono de si.

<sup>26</sup> EPICTETO, *Entretiens*, I 1, 12. Grifo nosso.

<sup>27</sup> Refiro-me à noção de *caráter próprio* [*idios poion*] pertencente ao Antigo Estoicismo que Epicteto reproduz tal qual na época dos imperadores de Roma. A antiga noção da velha *Stoa* aparece no livro: *L'idée de volonté dans Le stoïcisme* de André-Jean Voelke, p. 12-13.

legítima propriedade será o desiderato do filósofo estóico do princípio ao fim de sua jornada pedagógica em prol da libertação espiritual do homem. Seu pensamento constitui aquilo que poderíamos nomear como sendo uma autêntica *pedagogia da liberdade*, como diz o sábio de Nicópolis:

Mas em realidade, podendo cuidar de um e, junto a ele prender-se, mais queremos cuidar de muitas coisas e, com várias estar amarrados ,com o corpo, com a aquisição, com o irmão, com o amigo, com a criança e com o escravo [...] uma vez estando presos a muitas coisas nos agravamos e sob o efeito delas somos arrastados pelo peso para o fundo. É porque sempre que seja tempo desfavorável para a navegação sentamos com a atenção voltada para fora do navio pendendo a cabeça e os olhos de lado, continuamente. Que vento sopra? O vento norte [Bóreas] [...] Quando Zéfiro soprará? Quando melhor lhe parecer ou a Eólio. Pois a divindade não te fez intendente dos ventos, mas Eólio”<sup>28</sup>.

A Divindade, para Epicteto, possui um valor sem precedentes tanto no que concerne ao homem - campo específico de sua responsabilidade, *as coisas sobre ele* - quanto naquelas que estão situadas para além da esfera demarcatória do seu domínio particular - *as coisas que não estão sobre ele*. O exercício da liberdade começa quando o homem assume a tarefa de cuidar daquilo que lhe foi confiado pela Divindade, confiando à Divindade aquilo que absolutamente não lhe compete.

Sabendo que a vida se constitui a base de um plexo de circunstâncias que nem sempre sopra em favor do homem, Epicteto ensina a ataraxia, a prática de ausentar-se das perturbações provenientes da preocupação com o que não lhe diz respeito (a esfera de atuação da Divindade), a fim de que fixe toda a energia mental nas melhores coisas, aquelas *sobre nós*. Portanto a pergunta “Que afinal é necessário?”<sup>29</sup>, isto é, em uma situação de aperto como aquela de se estar no mar sem vento, em ocasião desfavorável a navegação, o conselho de Epicteto é:

As melhores *coisas sobre nós* preparar, quanto às outras, servir-se delas como *nascidas (pephyken)*. Como assim *nascidas (pephyken)*? Como a divindade queira<sup>30</sup>.

---

<sup>28</sup> EPICTETO, *Entretiens*, I 1, 14-16.

<sup>29</sup> EPICTETO, *Entretiens*, I 1, 17.

<sup>30</sup> EPICTETO, *Entretiens*, I 1, 17. Grifo nosso.



A sentença é de uma riqueza espiritual preciosíssima naquilo que porta como significado ético e ontológico para o bom andamento e aproveitamento da vida em face de qualquer circunstância que surja, mesmo que surpreendendo e acarretando acontecimentos contrários às expectativas. Todos sabem da dificuldade de se traduzir o perfeito *pephyka*. Este é vertido geralmente por *natural* ou *naturalmente*. Mas o que de fato significa é algo assim como aquilo que nos chega sem interferência humana.<sup>31</sup> Eis aqui um divisor claro de águas. Uma vez instaladas as esferas de competência, a saber: a *humana e a divina*, concomitantemente vem à luz aquilo sobre que o homem deve exercer tutela, proteger; mas também, o que há mister entregar nas mãos do *Destino*, das Divindades.

No domínio das coisas que não são de nossa competência há uma vontade soberana que conduz todas elas, uma vontade superior a qual o homem deve se subordinar silenciando qualquer sentimento proveniente do espírito de inconformação que possa brotar de seu coração diante dos diferentes caminhos que a vida desdobra a sua frente. É aí que Ontologia e Ética se juntam para fixar em sua intimidade a paz da alma que nasce da grandeza de espírito.

Cada fruto tem o seu tempo oportuno de brotar, de florescer, de amadurecer e de ser colhido. É assim, por exemplo, que a jabuticaba incensa o ar com perfumes e aromas no momento de floração, e que após algum tempo apresenta a cor rubro-negra dizendo sem palavras que está pronta para ser consumida. Não antes, nem depois, mas a partir daquele momento: é desse modo que *servimo-nos dela como nascidas*.

De algum modo a *philosophia* de Epicteto tem por fim criar a disposição ontológica de aprender a saborear a vida e, tudo o que ela é capaz de trazer através do curso *fatal* das circunstâncias, tal qual se fosse uma jabuticaba madura que é oferecida com toda docidão ou amarume no *eterno presente*. “Procurar figos no inverno é de louco; igualmente procurar o filho quando não é mais possível”<sup>32</sup>.

Tratando aquelas coisas que transcendem o círculo fronteiriço de nossa esfera de atuação, o que sobra é sempre jabuticaba madura pronta para ser apanhada, recebida e acolhida *como nascida*, sobrevinda diretamente da natureza, da vontade da natureza para as mãos humanas. Quanto a isso, nos diz o imperador antonino Marco Aurélio:

---

<sup>31</sup> Agradeço de coração ao professor doutor Guilherme Mello Barreto Algodoal que com seu desvelo e desprendimento habitual me clareou o sentido do perfeito *pephuka*.

<sup>32</sup> MARC-AURELE, *Pensée*, XI, 33.

Quem beija um filhinho deve, ao que dizia Epicteto, murmurar no íntimo: *talvez morra amanhã. – É mau agouro! – Agouro nenhum, respondia, e sim o enunciado dum fato natural; aliás, seria também agouro dizer que foram colhidas as espigas*<sup>33</sup>

Para o sábio estóico, *o instante*, espaço do *sempre tempo* [aion] sem tempo, é sempre ocasião propícia, ensejo oportuno para a favorável acolhença do ser, momento de confirmá-lo e abraçá-lo conformando-se serenamente com ele. Eis porque o aprendiz de *philosophia* estóica tem de encontrar o jeito de conciliar dois adversários bem conhecidos, os caprichos pessoais com a vida tal como é, a fim de se tornar capaz de ausentar-se das perturbações para absorver-se no estado de espírito atarácico.

Laterano<sup>34</sup> não claudicou perante a condenação a morte por decapitação, tampouco transigiu com a proposta desonesta de Epafrodito<sup>35</sup>:

Hão de cortar-me somente a mim o pescoço? [Somente eu sofrerei decapitação?] Que então? Querias todos fossem decapitados para que tivesses consolação? Não queres assim estender o pescoço como Laterano [alguém] que em Roma recebeu ordem pelo efeito de Nero para que a cabeça lhe fosse cortada. Tendo estendido o pescoço e sendo golpeado, tendo sido o golpe fraco [débil], retirou o pescoço estendendo-o novamente<sup>36</sup>

Tudo leva a crer que Epafrodito<sup>37</sup>, servo de Nero e posteriormente dono de Epicteto, tenha ido procurar Laterano para mediar uma possível rendição por parte deste, se oferecendo quem sabe, para aplacar a ira do imperador e impedir que sofresse a pena odiosa. É nesse contexto que a resposta de Laterano a Epafrodito ganha latitude e longitude filosófica: *Se eu quiser algo, falarei com teu senhor.*

“Nem generás, nem censurarás, nem adularás a ninguém”<sup>38</sup>. O homem tem firmeza para manter-se coeso e sereno, em qualquer situação, se sabe salvaguardar a atenção [prosokhe] e o empenho nas aptidões que lhe são próprias, sem desviá-las para as coisas que fogem de seu âmbito de atuação, do domínio específico de suas atribuições.

---

<sup>33</sup>MARC-AURELE, *Pensée*, XI, 34. Grifo do autor

<sup>34</sup> *Platius Lateranus*, cônsul designado, enforcado por conspiração conforme ordem de Nero.

<sup>35</sup> Epafrodito foi senhor de Epicteto no tempo em que ele era escravo. Diz-se também que privava da amizade do Imperador Nero.

<sup>36</sup> EPICTETO, *Entretiens*, I 1, 18-20.

<sup>38</sup> EPICTETO, *Entretiens*, I 1.

Que afinal é necessário ter prontamente à mão nesses tipos de coisas? Que outra, pois do que a coisa minha e a que não é minha, que é para mim e que não é para mim?<sup>39</sup>

Aprendendo a dar boa acolhida aos eventos necessários o ser estabelece sintonia com o Ser que sempre mora no momento *sendo o que é*. Enquanto o néscio desassissado recusa a experiência imediata antagonizando com o Ser, vivendo em meio a uma relação assincrônica com o puro acontecer das coisas, o que segue a via filosófica encontra no simples acolhimento do que é *dado* a paz da alma.

Traseas tinha o hábito de dizer, *eu quero ser condenado à morte hoje, antes que ser exilado amanhã*. Que, pois, Rufos disse para ele? “Assim como se escolhesses o mais pesado de todos, que estultícia de escolha! Do mesmo modo se o mais leve, quem acabou de te dar [a escolha]? Com o dado não queres cuidar de ser o suficiente?”<sup>40</sup>

A *ausência de perturbação*, ou a *privação da perturbabilidade de espírito* (*ataraxia*) resulta da relação *sinfônica* com a natureza, espécie de conciliação de todos os interesses pessoais com a vontade do *Kosmos*. A relação *sinfônica* com o momento presente é harmônica com aquilo que se apresenta no *instante* porque entende todas as ocorrências que não sejam da alçada humana, como decorrentes de uma vontade maior. Pôr em boa harmonia a vontade pessoal com a vontade do Todo produz fortaleza, uma vez que é se colocar em comum acordo com o querer da natureza. Só uma pessoa assim preparada reúne condições para fazer a afirmação que fez Agripino: “Eu não venho a ser impedimento para mim mesmo”<sup>41</sup>.

Epicteto conta que Agripino na quinta hora do dia recebeu o comunicado que a sua *causa* estava sendo julgada no Senado. Como nessa hora costumava se exercitar e tomar um banho frio, foi-se embora, simplesmente, para sua atividade física. Enquanto estava no ginásio se exercitando, chegou-lhe a notícia de que havia sido condenado. Então Agripino perguntou se havia sido condenado à morte ou ao exílio. Uma vez sabendo que havia sido sentenciado ao exílio e que os bens não haviam sido confiscados, tendo partido foi jantar em outra cidade.

---

<sup>39</sup>EPICTETO, *Entretiens*, I 1, 21-22.

<sup>40</sup>EPICTETO, *Entretiens*, I 1, 26-27. Grifo nosso.

<sup>41</sup>EPICTETO, *Entretiens*, I 1, 28.

Capacitar-se a receber a vida assim, seguirá sendo para Epicteto o mais nobre dos ideais humanos. Todo homem deve convencer-se de que diante dos acontecimentos em que a *deliberação* [*proairesis*] não participa, a postura deve ser sempre de sereno acolhimento do que a vida traz, posto que enviados pelo *Kosmos*. Estes são figos oferecidos na hora oportuna de colhimento. “Isso é ter concluído o exercício que é necessário praticar, *pôr termo* [acabar/terminar] na preparação do *desejo e da aversão* desimpedida e ao abrigo de falhas”<sup>42</sup>.

Não obstante, quanto àquelas coisas que são de sua competência, que orbitam em sua esfera de ação e que, portanto dependem de escolha e *deliberação* [*proairesis*] *nem mesmo Zeus pode vencer*:

Dize as coisas secretas. Não falo: pois essas estão sobre mim. Amarrar-te-ei. Homem! O que falas? Minha perna amarrará, a *deliberação* [*proairesis*] nem Zeus pode vencer. Jogo-te na prisão. O pequeno corpo. Cortarei teu pescoço e te arrancarei a cabeça. Quando te falei que apenas meu pescoço não é possível ser cortado?<sup>43</sup>

A qualidade ou feição especial do homem face aos outros seres que o rodeiam é a *capacidade de uso das impressões* que deriva diretamente de certa peculiaridade do *logos* humano. Buscando o *caráter próprio*, Epicteto encontra no coração do homem uma trincheira impermeável a qualquer força com intenção de dobrá-lo. Espécie de *fortaleza indevassável*, o coração humano jamais é determinado de fora para dentro porque constitui a fonte de qualquer determinação. Esta a verdadeira propriedade do homem.

## Referências

- ÉPICTÈTE. *Entretiens*. Paris: Editora Les Belles Lettres, 2002. V. 4.  
MURACHCO, Henrique. *Língua Grega: visão semântica, Lógica, orgânica e funciona*. Petrópolis: Vozes. 2001. V. 2.  
ÉPICTETO. *Enquiridión*. Barcelona: Editora Anthropos, 1991. (Edição bilíngüe, grego-espanhol).  
AURELE, MARC. *Pensées*. Paris: Editora Les Belles Lettres, 1925.  
JAGU, Armand. *Épictète et Platon*. Paris: Vrin, 1946.  
FLÁVIO, ARRIANO. *O manual de Epicteto: apotegmas da sabedoria estóica*. Sergipe: Editora Universidade Federal de Sergipe, 2008.

<sup>42</sup> ÉPICTETO, *Entretiens*, I 1, 31. Grifo nosso.

<sup>43</sup> ÉPICTETO, *Entretiens*, I 1, 23-24. Grifo nosso.

- ROMANELLI, R.C. *Os prefixos Latinos: da composição verbal e nominal, em seus aspectos fonético, morfológico e semântico*. Belo Horizonte: Editora Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1964.
- VOELKE, André-Jean. *L'idée de Volonté dans le stoïcisme*. Paris: Editora Presses Universitaires de France, 1973.
- HADOT, Pierre. *Manuel d'Épictète*. Paris : Editora Librairie Générale Française, 2000.
- CÍCERO. *Sobre o Destino*. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2001.
- BAILLY, Anatole. *Dictionnaire Grec Français*: Editora Hachette, 2000.

***Artigo recebido em: 18/08/10***  
***Aceito em: 20/11/10***